

## A FUNCIONALIDADE DOS GÊNEROS

### META

Esta aula enfatiza a abordagem funcional que deve predominar nas aulas sobre gêneros. Traz exemplos do cotidiano escolar que suscitam uma discussão sobre a eficácia de certos tipos de tratamento do tema.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
reconhecer situações didáticas que enfatizem (ou não) a funcionalidade do gênero.

### PRÉ-REQUISITOS

Haver concluído a disciplina Introdução aos Estudos Linguísticos ou disciplina equivalente.



(Fonte: [www.infull.org](http://www.infull.org) (legendas de filmes)).

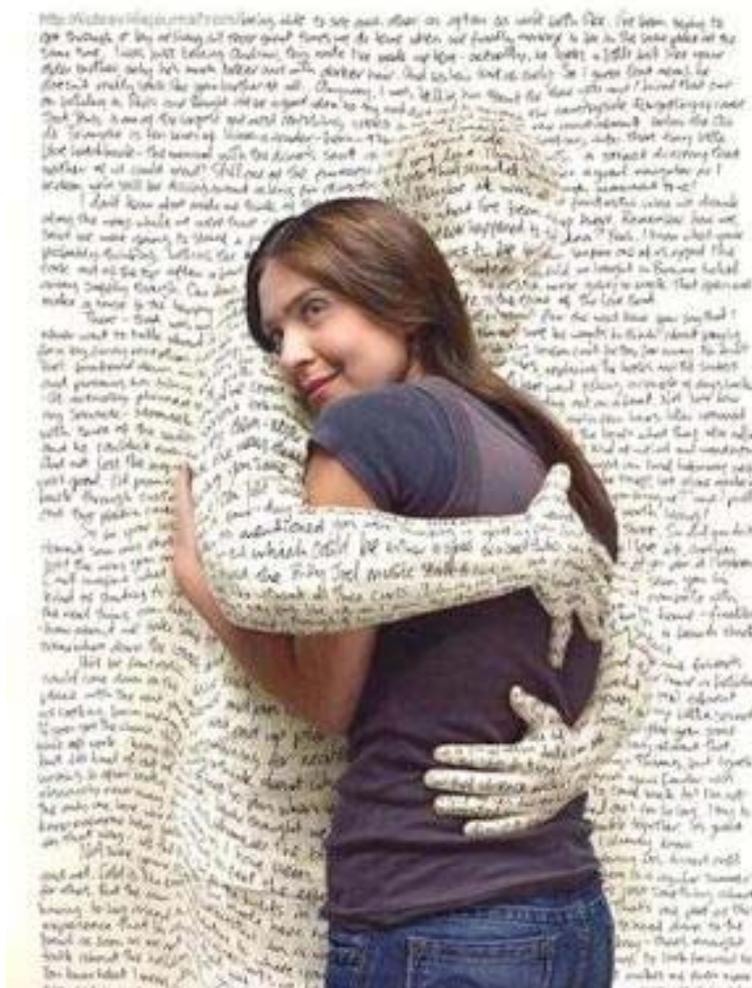
## INTRODUÇÃO

Caro aluno,

Nesta aula, serão reforçados alguns conceitos já enunciados nas aulas anteriores. O caráter funcional dos gêneros será destacado, no sentido de orientar o planejamento, execução e avaliação de atividades escolares que pretendem desenvolver as competências sociocomunicativas dos alunos.

Partimos de exemplos favoráveis e desfavoráveis a este processo, com o intuito de desenvolver o seu senso crítico para essas ações.

Vamos ao trabalho?



(Fontes: <http://clubedeleiturapalavramagica.zip.net>).

## OS GÊNEROS NÃO SÃO UM CONTEÚDO

Já vimos que tratar gêneros textuais como conteúdo em si compromete sua vocação interacional. Se é “conteúdo escolar”, parte-se do princípio de que é produzido para consumo interno à escola. E aí a escrita do aluno passa a ser reflexo do que ele acredita que o professor espera receber.

Pois que sentido haveria para os alunos escreverem uma carta, um manifesto, uma propaganda, para ser lida unicamente pelo professor de Língua Portuguesa? E que preocupação ele teria ao produzir tal texto, considerando que o professor estaria lendo apenas para avaliar e pontuar seus erros e acertos? É evidente que o aluno se dedicaria ao caráter formal do texto, a sua estrutura, às características que, provavelmente, o professor teria listado antes mesmo de solicitar aquela redação.

Assim, antes de passar às mãos dos alunos uma infindável lista de possíveis gêneros e suas características, numa proposta de trabalho tão mecanicista como qualquer outra metodologia estruturalista do ensino de línguas, que tal problematizar a aplicabilidade desses “tipos relativamente estáveis de texto”? Ao invés de se insistir na prática de “normatização descritiva”, por que não partir de seu contexto de produção e recepção?

Aprender a reconhecer o texto em seu habitat é o que recomenda Marcuschi, como primeiro passo para se entender a funcionalidade do gênero. Isso pressupõe um contato estreito com o texto, percebendo seu formato próprio, seu suporte real, os propósitos com que foi escrito e com que será lido. Descobrir, através de uma observação atenta do gênero – por seus elementos formais, sim, mas também pelo tipo de registro que ele apresenta, pelo meio material de que faz uso, pelo alcance de suas formas e pela aplicabilidade (ou não) em determinadas situações – as chamadas “características sociocomunicativas” que ali se manifestam. Estudar o gênero envolve compreender o texto por seu conteúdo, função, estilo e composição do material a ser lido.

Os gêneros são, assim, definidos pela articulação de todas essas características. E mais: pela relação que estabelece entre escritor e leitor. Daí o por quê?/ para quem?/para quê? ser tão importante na escolha do gênero, na escrita de um texto em determinado gênero e no estudo deste.

Na escola, a importância de se entender que a competência sociocomunicativa dos alunos está sendo trabalhada à medida que leem e escrevem regularmente em variados gêneros é proporcional à necessidade de se garantir a funcionalidade deste aprendizado. Desta maneira, só se deve pedir que o aluno escreva uma carta, se ela pode ser lida como carta. Só se incentiva, verdadeiramente, o aluno a ler uma bula de remédio quando se devolve a esse texto a importância que ele tem no mundo extraescola.

O professor jamais deveria ser o exclusivo leitor das produções dos

alunos nos variados gêneros, sob pena de os textos herdarem a artificialidade com que a cultura escolar acaba por impregnar os mais diversos “conteúdos”.

Além disso, algumas situações de produção de texto são tão desconfortáveis para os alunos que não apenas inibem a escrita dos mesmos, mas os obrigam a dizer, por escrito, coisas que jamais diriam em outra situação. É o caso, por exemplo, de os alunos terem que produzir um poema a ser lido e pontuado pelo professor. Escrever um poema já não é nada tão usual. E compor um texto assim, para ser avaliado do ponto de vista temático e formal, pelo sujeito a quem se atribui o direito de aprovar ou reprovar – o leitor profissional que é o professor – é, com efeito, uma pressão a ser sofrida por este escritor em formação que é o aluno.

Ou quando precisam opinar sobre um tema (em geral, de extrema importância e profundidade) sobre o qual nunca haviam pensado e para o qual realizaram, tão somente, uma breve leitura de alguns dos chamados “textos de provocação”. Convenhamos que, para alguns alunos, a quem nunca foi solicitada uma opinião sobre se a porta da sala de aula deveria permanecer aberta ou fechada durante as aulas, por exemplo, de repente, se verem na obrigação de opinar – com argumentos consistentes – sobre a adoção da pena de morte no país ou sobre medidas compulsórias de combate ao aquecimento global, é pedir demais do seu conhecimento sobre gêneros textuais. É querer que o simples domínio dos aspectos normativos de um tipo de texto os capacite a produzir um discurso do qual ainda não se apropriaram. É como tomar parte de uma conversa iniciada muito antes de haverem chegado à escola e que parece não terminar com a conclusão de seu período escolar.

Assim, o aspecto funcional dos gêneros deve impulsionar o desenvolvimento de comportamentos leitores e escritores dos alunos. Um trabalho que, de fato, os coloque na posição de sujeitos da comunicação. Que aproveite os temas, as situações, os eventos de que alunos e professores efetivamente tomam parte, na rede de relações que é a escola. Que toda a oportunidade para se ler e escrever textos seja vista como possibilidade de trabalho com os gêneros e que esta prática não esteja descolada das formas de comunicação usuais entre os sujeitos da comunidade escolar.



(Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>).

**ATIVIDADES**

1. Proponha uma atividade de leitura de texto, em que a funcionalidade dos gêneros seja explorada.
2. Proponha uma atividade de produção de texto, que enfatize a posição dos alunos como sujeitos da comunicação.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Nestas propostas, deverão ser levados em conta os seguintes aspectos:  
Atividade 1: Se são destacados o “por quê?” e o “para quê?” de se escrever daquele modo.  
Atividade 2: Se há a possibilidade de circulação ou leitura coletiva dos textos dos alunos.

**CONCLUSÃO**

Os comportamentos leitores e escritores dos alunos são os verdadeiros conteúdos nas aulas sobre gêneros textuais.

Portanto, para o desenvolvimento dessas competências sociocomunicativas, as atividades deverão enfatizar a funcionalidade do gênero e valorizar os sujeitos envolvidos nessa relação interação possibilitada pelo gênero.

**RESUMO**

A aula 03 enfatizou o caráter funcional dos gêneros, orientando o planejamento, execução e avaliação de atividades escolares que pretendem desenvolver as competências sociocomunicativas dos alunos.

Partindo de exemplos favoráveis e desfavoráveis a este processo, buscou-se investir no senso crítico dos licenciandos, futuros docentes, para essas ações.

**AUTOAVALIAÇÃO**

Ao final desta aula, consigo identificar situações didáticas favoráveis ou desfavoráveis ao trabalho com gêneros na escola, tendo em vista seu caráter funcional?

Em caso de resposta negativa, releia o conteúdo da aula, consulte a bibliografia sugerida ou solicite maiores informações a seu tutor.





## PRÓXIMA AULA

Na aula 04, serão abordados, com mais profundidade, os “comportamentos leitores” e os “comportamentos escritores” – verdadeiros conteúdos das aulas sobre gêneros textuais.

## REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antonio. “Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade”. In: **Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Sociodiscursivas**. Editora Cortez  
Revista Nova Escola. São Paulo: Editora. Abril, agosto, 2009.